

O MOSTEIRO, de Agustina Bessa-Luís
Lisboa, Guimarães & C^a Editores, 1980.

Elisabete Mansano (Unicamp)

Uma questão que se coloca imediatamente após a leitura de O Mosteiro, de Agustina Bessa-Luís, é o tratamento dado à História. Romance histórico: não é esse e nem pretende ser o seu objetivo. Entretanto é a História o ponto de partida e o ponto final desse romance. A autora não se interessa pelo fato histórico em si, mas este serve como elemento propiciador de seu alto voo imaginativo, interpretativo, lúdico. O trecho da pág. 42 nos diz muito a respeito do próprio método de composição da autora: "A vida de Belchior ficou traçada no momento em que surpreendeu nas Confissões um depuramento de todo o conflito, o que de certo modo empobrecia a sua fecundidade. Era pois um texto tão calculado que ficava expurgado de toda a forma expansiva. Isto comprometia a sua veracidade. Esta idéia que Belchior se guardou de publicar, limitando-se a considerações banais sobre as suas leituras, acabou por obcecá-lo. A realidade da História pareceu-lhe esperar continuamente uma contra-prova; pensou que ele não se submetia a repetir o modelo dos fatos e que era índice de infantilidade e de despersonalização proceder doutra maneira. Ele tocava, sem o saber, o problema da psicose de toda uma cultura. Tentou mais uma vez produzir as suas confissões, pois esse era o processo de desopressão do intelectual de todos os tempos. Mas encontrou-se com uma dificuldade: ou caía em preocupações de culpabilidade, ou assumia uma atitude característica perante a autoridade, ou optava por uma simpatia comodista com respeito ao homem em geral, amando-o. Compreendeu que a confissão não era senão um jogo exterminador da própria consciência."

Para ela, literatura e história andam juntas na medida em que colocam conflitos, desvendam (ou não) caracteres, traços individuais localizados no corpus social. O narrador assim define o objetivo de Belchior ao iniciar sua obra sebástica: "Mas o propósito básico era medir a sua própria razão e a consciência das situações vitais que lhe pareciam comprometidas na casa, no lugar, na nação, à medida que a dê cada de cinquenta se esgotava." E Belchior inicia sua obra justamente no momento em que se dá conta de sua amnésia dos nomes próprios, do esquecimento de fatos de sua vida que considerava importantes, enquanto lembrava, em detalhe, outros sem a menor importância.

Como definir, selecionar, eleger o que importa em uma estória/História? É o tempo. Não o tempo histórico, cronológico, mas o tempo psicológico individual, prin

cipalmente o da infância, sem medição possível, largo ou fugaz, segundo a preciosidade da lembrança (em Agustina, sempre associada ao medo, ao terror infantil).

Belchior associa a sua escolha pela literatura sebástica à uma lembrança de infância, quando tinha três anos, e viu com terror e deleite, no quarto de roupa suja, a lavadeira entornar cestos de roupa suja. Percebendo sua fascinação, a criada empurra-o para fora e diz: "Los niños aman a lo sucio". Quando adulto, um dos fatos que decidiu a separação de sua mulher, foi o ódio que esta revelava aos papéis. Belchior, ao contrário, amava-os, amava "lo sucio". A escolha entre casamento e literatura foi fácil. Podemos entender aqui que "lo sucio" é tudo o que se refere ao reprimido, ao proibido, o que fica guardado em um quarto escuro e pouco ventilado, e, reportando-nos à História/Literatura, tudo o que se esconde debaixo da verdade assente e aparente dos fatos. O que nos conduz à outra lembrança da infância de Belche: o fascínio que tinha em remover, com a ajuda de um pau forte e do ombro, as pedras que faziam corcova no terreno da mata da Costa. À custa de esforço e ferimento no ombro, ele fascinava-se com a multidão de insetos em movimento, logo após a pedra ser removida.

A escolha de uma interpretação histórica, no nosso caso, também literária, implica em levantar fascinada essa pedra do tempo, observar o fervilhar louco dos fatos, capturar aquele que não "fugiu", que permaneceu por mais tempo (no caso, o grilo, vd. pa.289), para depois "soltá-lo" a seu próprio destino. Mas mesmo essa interpretação está sempre minada pela dúvida. Diz o narrador, comparando Belche a seu pai Salvador: "E, no entanto, Belche parecia-se com o pai. O mesmo fundo de anarquia individual, traduzida em proveitos práticos, a mesma inveja que revertia a favor duma obra sua, irreal pela ambição e impossível de ser consumada.", mas ainda assim revela dora do conflito: "... também o filho queria muito às suas culpas literárias, a data errada, o nome trocado, a informação insuficiente que iam desencadear um desapontamento no seu público, mas que era mais uma tirania íntima, um capricho, uma latitude de reconciliação. A sua história sebástica seria o encontro máximo com os seus leitores; pelo absurdo que eles tinham que colher directamente da polpa do gênio e do pormenor estudado: pela aliança definitiva entre a obra desbastada na pedreira da realidade aceite, e a realidade encoberta."

O que fica nítido no romance é, portanto, não o fato em si, mas o narrá-lo, a efabulação. Há como que um fascínio "perverso", um encantamento do narrar, do penetrar até a minúcia, o detalhe na descrição psicológica dos tipos, história puxa história, o que cria uma cronologia por vezes confusa e não poucas vezes o narrador se flagra completamente desviado do assunto, apruma-se e retoma o fio inicial.

Mas de "dentro" desse universo encantado, o que tenta trazer à tona o romance é, como disse anteriormente, o conflito. É extrair desse conflito uma definição, ainda que precária, submetida ao tempo, "impossível de ser consumada", da nação portuguesa, do homem português. Essa busca de definição é aliás uma constante na literatura portuguesa contemporânea. Agustina elege na massa informe dos fatos, o papel do sebastianismo na história portuguesa, a figura de D. Sebastião, traço característico da história e da personalidade portuguesa. A tarefa a que se propõe é então, a partir

desse fato, consagrado pela História oficial, revirá-lo, não com o fim de estabelecer uma nova definição, mas para mostrar, no percurso, a precariedade de uma definição, de uma interpretação que nunca poderá ser definitiva.

Os percalços assinalados não excluem, entretanto, a localização da nação portuguesa no contexto histórico: Seguindo o itinerário da "casa da Teixeira" - família que surge no final da era de Aviz, assinalada pela morte de D. Sebastião, ascensão da burguesia e liberdade e emancipação do mosteiro (graças ao fim dos pesados impostos que financiavam a campanha do Desejado) - o romance centra-se nos Teixeiras contemporâneos, final de uma raça, final de uma era da história portuguesa.

Desse modo, através de uma cronologia disparatada, com idas e vindas, o que ocorre nessa narração é, na verdade, uma minuciosa descrição de um mundo fechado, monástico, auto-regulado em sua loucura (como o mundo dos loucos do Mosteiro, transformado em asilo), matriarcal, administrado por mulheres ativas, trabalhadeiras, conservadoras e estereis que se opõem aos homens, possuidores de uma loucura diferente da das mulheres, mais "exterior" e anti-social: o pai, médico louco, agressivo e suicida; o filho Salvador, aventureiro, o típico colonizador. Nessa "narração descritiva", se pudermos assim chamar "O Mosteiro", acompanhamos a lenta agonia contemporânea da "casa da Teixeira", seus membros vão morrendo aos poucos, aos poucos descendentes que ficam já nada representam para o mundo fechado do Vale de S. Salvador e seu mosteiro; eles usam jeans e gostam de rock. E à medida em que a narrativa segue e em que as mortes vão se sucedendo nesse mundo paralisado, vemos aumentar a presença da figura de D. Sebastião (com o andamento da obra sebastica de Belche) através de comparações que são feitas, com uma frequência cada vez maior, com o primo José Bento e Josefina, sendo os três (José Bento/Josefina/D. Sebastião) os típicos filhos de uma época de transição. Assim, nesse lento retroceder ao passado, aos poucos D. Sebastião vai tomando corpo.

Essa conjugação cronológica se dá através de um traço unificador: o medo. A obra sebastica de Belchior pretende ser um ensaio sobre o medo. No mundo fechado da casa da Teixeira há o medo: do amor, das mudanças, da morte, da solidão, dos homens. Em última instância foi o medo que conduziu D. Sebastião ao desastre de Alcácer Quibir, medo que transforma alguns em temerários. O medo da mãe, fonte de desejos e terrores. Assim, o caracterizaria a nação portuguesa seria o medo, castrador e paralisante.